

**MEMÓRIA E IMAGENS NACIONAIS EM CARTAS DE IMIGRANTES
ALEMÃES EM SANTA CATARINA**
MEMORY AND NATIONAL IMAGES IN THE LETTERS OF GERMAN IMMIGRANTS IN
SANTA CATARINA

Márcia Fagundes Barbosa¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo a análise de quatro cartas de imigrantes alemães estabelecidos no estado Santa Catarina em meados do século XIX. Estas são destinadas aos parentes que ficaram na Alemanha e trazem em seus conteúdos notícias do novo cotidiano. À luz de reflexões sobre a memória, sinalizo nessas correspondências o trânsito entre tempos e espaços sobrepostos (presente e passado / pessoal e coletivo) para pensar sobre os signos culturais que fomentam a comunidade étnica alemã em Santa Catarina. Privilegiando uma abordagem centrada nos movimentos subjetivos da memória no momento da escrita, procuro entender essa prática pessoal dentro de um processo coletivo impregnado de significações culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Nação. Imigrantes alemães. Cartas. Identidade nacional.

As cartas dos imigrantes alemães representavam, tanto para quem as escrevia quanto para quem as lia, um momento de superação da distância. A memória nesse contexto exerce um trabalho fundamental de reconstituição de um tempo e de um espaço pelos quais os imaginários social e nacional estão estruturados. A experiência da desterritorialização, ao mesmo tempo em que promove um distanciamento do espaço, também investe na recuperação deste através da memória. O contato com o novo, os confrontos culturais, aciona constantemente o mecanismo das lembranças, buscando sentido nas representações análogas às imagens presentes. No novo lugar, as práticas simbólicas que moldam a subjetividade e a identidade do imigrante são reconstruídas numa relação de tempos múltiplos, numa busca da organização espacial. Portanto, a prática da escrita parece revelar o próprio momento desse processo de organização do espaço (físico e subjetivo), o qual se manifesta enquanto uma presença ausente. Ou como afirma Michel de Certeau:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (CERTEAU, 1994, p. 189).

¹ Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: marciafb12@terra.com.br

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 5, p. 47-54, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.

Certeau evoca a idéia de um lugar saturado de tempos diversos, de lembranças e esquecimentos, de “eus” e de outros, enfim de corpos marcados por símbolos definidos nesses espaços.

Segundo a complexa teoria de Henri Bergson, a memória é o evento principal dos estados psicológicos do fenômeno cerebral. Está sempre em movimento, pois não cessa de crescer, recobrando constantemente a experiência presente. As experiências adquiridas são ativadas a todo o momento para enriquecer as percepções imediatas, sobre as quais se desenvolve a percepção do mundo exterior. Portanto, as novas percepções são sempre resultados da operação entre as experiências passadas e as ações presentes (BERGSON, 1999).

A memória como um evento que acumula e atualiza impressões passadas constrói a identidade de um indivíduo, de um grupo, e pode ser pensada como um conjunto de forças direcionadas para a manutenção de uma unidade grupal. O cotidiano inventado nesses novos lugares, as representações “do lugar onde estou”, fragiliza-se enquanto escritura, pois é “impossível a adequação entre a presença e o sinal” (CERTEAU, 1994, p. 299), mas ao mesmo tempo, no contexto da reterritorialização, consolida-se enquanto reconstrução do simbólico.

Portanto, através do ato subjetivo da escrita, procuro refletir sobre as relações entre a dinâmica de um grupo social, marcado pelo seu local social, e seus modos de recordar e organizar as imagens que constituem seus sentimentos de pertença. Para isso, utilizo-me de quatro cartas de imigrantes alemães com a intenção de confirmar os movimentos de representações coletivas de tempos e espaços sobrepostos. A perspectiva do coletivo envolve aqui cultura e identidade enquanto estruturas que fundamentam a subjetividade.

A carta de Franz Sallentien², dirigida aos irmãos no ano de 1855, mostra um momento em que o autor, através do relato de fatos recentes, reconstitui um passado impregnado por práticas sociais, marcadas pela moral e pela religião:

Há quase cinco anos foi a primeira vez que recebi a Santa Ceia sem vocês. Como queria ter tido vocês comigo nestes dias, e quanto pensei em vocês. Tive a sensação de que estavam aqui; muito me lembrei dos nossos pais, achando que o espírito deles olharia bondosamente por mim, dando a bênção para minha vida futura. Oh, como me senti divinamente feliz enquanto rezei fervorosamente pela memória de meus pais, prometendo guardar e seguir sempre o exemplo deles (SALLENTIEN, 1997, p. 47).

² Franz Sallentien tinha 24 anos, era solteiro e lavrador quando emigrou para Blumenau. Natural de Brunsvique (*Braunschweig*) participou do grupo dos 17 primeiros colonos que chegaram a Blumenau em 1850. Neste trecho da carta, relata o dia do seu casamento.

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 5, p. 47-54, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.

O autor aqui remete o tempo todo a suas experiências passadas, as quais dão significado às ações do presente. O passado se manifesta enquanto representação do individual e do social através da reinvenção do cotidiano em um novo lugar. As estruturas sociais reorganizadas recuperam o “eu” e a história de vida deslocada territorialmente. Percebemos que o próprio vocabulário (“pensei”, “lembrei”, “sensação”, “memória”, “vida futura”) está inscrito nesse movimento entre tempos e espaços sobrepostos. O presente aqui só tem sentido enquanto recuperação do passado.

A carta de Therese Stutzer³, datada em maio de 1886, revela o espaço dentro do próprio convívio familiar e social, e no momento da escritura um espaço marcado pela individualidade:

Hoje tenho um domingo tranqüilo. Meu marido e as crianças, menos Eva, já saíram às cinco da manhã para assistirem ao culto na igreja de Pomerode e lá devem chegar às dez horas. [...] Estou me sentindo muito só. Eva foi com as duas empregadas fazer uma visita à Sra. F. e assim estou sozinha, aproveito para conversar contigo (STUTZER, 1998, p. 13).

No momento da escrita, rompe-se a unidade do núcleo familiar, e o individual sobrepõe-se para voltar a se afirmar nesse contexto social. O retirar-se para escrever consiste em estar só e conter o fluxo dos pensamentos, das imagens que tecem uma experiência para então organizar (reinventar) o cotidiano através da escrita, num movimento de seleção de imagens, num lembrar e esquecer.

As práticas cotidianas, reveladas por Therese nessa carta, inscrevem-se como projeções simbólicas de um tempo e espaço deslocados e que buscam na memória uma continuidade para o sentido imediato do seu mundo:

Elas (as filhas) voltaram entusiasmadas dizendo que foi emocionante ver centenas de pessoas, alemães e seus descendentes, irem à igreja. As pomeranas idosas em seus trajes típicos, as jovens em vestidos de cor clara e branca usando lenços coloridos na cabeça. É a Alemanha no Brasil. Que seja hoje um dia tão feliz quanto aquele (STUTZER, 1998, p. 13).

As imagens descritas por Therese revelam as escolhas inconscientes da memória e, em contato com o tempo presente, marcado nesse contexto pelo estranho, pelo outro lugar,

³ Therese Stutzer, natural de Brunsvique (*Braunschweig*), emigrou para Blumenau no ano de 1885 (há registro de cartas escritas em Blumenau nos anos de 1885 e 1886). Casada com o pastor luterano Gustav Stutzer, tornou-se escritora e publicou contos e romances voltados à temática da imigração. O casal viveu 12 anos em algumas cidades em São Paulo (Ribeirão Pires, Vamiranga e Cananéia).

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 5, p. 47-54, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.

compõem o cenário da continuidade daquilo que só existe enquanto lembrança. A imagem da Alemanha como o lugar onde se encontra a “felicidade”, sua idealização, sobrepõe-se à experiência negativa do mesmo espaço, motivo pelo qual ocorreu a imigração. Observa-se nessa passagem a transformação de um lugar através da composição de imagens que estruturam o imaginário social e nacional de uma comunidade. Imagens que desejam recuperar sensações de outro tempo e de outro espaço, imagens que produzem sentido. Os trajes típicos das idosas são elementos simbólicos promotores desse cenário nacional desejado. Vemos como os signos de identidade (a língua, a igreja, os trajes) são traduzidos por Therese através dos sentimentos que produzem (entusiasmo, emoção, felicidade), numa tentativa de recuperar o passado e a sua “unidade cultural” confortadora.

Na próxima passagem que destaco na mesma carta de Therese, podemos observar que o contato com o outro transporta o olhar ou o movimento da memória para os tempos e os espaços mais remotos da terra natal, onde o reviver da “origem” justifica o presente. Sobrepõem-se imagens e tempos que transitam entre o individual e o coletivo, seguindo as forças generalizantes construtoras de identidades:

Como podemos nos esquecer tão facilmente que estamos numa terra virgem. Trouxemos conosco nossos hábitos, mas não lembramos que estes são frutos de uma cultura secular e por isso fazem parte do nosso cotidiano. [...] Quando nos lembramos disto, nos admiramos com tudo que aqui se realizou. [...] Minha compreensão se tornou maior em relação ao que antes achava natural. Uma aura envolve os monges, estes pioneiros que levaram a cultura e a civilização às florestas da Alemanha. Por quantas privações estes heróis tiveram de passar (STUTZER, 1998, p. 17).

Aqui percebemos um claro movimento da memória que, acionada pelo presente, busca nas imagens construídas através das gerações, na memória coletiva, a recomposição de uma “pretensa” totalidade cultural. Therese compara as dificuldades vividas pelos colonos alemães no novo espaço às experiências de seus ancestrais. Assim como os monges, os imigrantes pioneiros transformaram uma região selvagem numa comunidade alemã, o que glorifica e idealiza o papel civilizador dos colonos e fortalece a concepção etnocêntrica do *Deutschtum* (germanidade). Progresso e civilização, nesse sentido, são elementos subjacentes à preservação da condição germânica e fundamentais para a construção da *Heimat* (pátria) no Brasil. Portanto, as imagens que representam seu lugar de origem, o lugar nacional, acionadas pela memória, passam a significar um novo espaço.

Maurice Halbwachs afirma que há uma relação de reciprocidade entre o grupo e o espaço de forma que cada um deixa sua marca. A memória individual está intimamente relacionada à memória do grupo e do local, e esta à tradição, ou memória coletiva desta sociedade. Segundo Halbwachs,

o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. [...] todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos (HALBWACHS, 1990, p. 133).

A ênfase no lugar social do sujeito reforça a perspectiva defendida pelo autor de que a experiência social está sempre presente no trabalho de relembração. Não há como dissociar do trabalho da memória a função social, de onde desencadeiam as possibilidades de rememoração, de onde conjuntos de referências sociais são invocados. Assim, a memória individual tem como alicerce a memória do grupo social.

No caso de Phillip Bauer⁴, filho de imigrantes alemães e nascido no Brasil, a memória coletiva do grupo social do qual faz parte forneceu as imagens e representações que constituem a sua própria memória. Numa carta dirigida aos tios em 1889, a Alemanha, onde nunca esteve, revela-se um lugar imaginado, que abriga muitas lembranças:

Querido tio, eu só conheço vocês por nome, pelas narrativas dos meus pais e o senhor também ainda nunca me viu. Eu nasci no Brasil e me chamo Philipp e sou um filho da irmã de vocês Elisabeth. Meu desejo é ainda poder ver vocês aí na linda Alemanha. [...] Minha mulher é também da Alemanha, de Magdeburg, ela sabe, portanto também como o outro lado se parece. Ela diz: existe só uma Alemanha, mas ficar lá, nisso ela não pensa nunca mais.

As “narrativas dos meus pais” representam aqui um movimento concreto da memória coletiva (nacional), que se constitui a partir das lembranças do outro, “uma memória emprestada” (HALBWACHS, 1990, p. 54). Assim, memórias coletivas e memórias individuais se penetram, construindo quadros de analogias pertinentes a determinados grupo social e tempo histórico. Apesar de as duas espécies de memórias serem limitadas estreitamente no espaço e no tempo, a memória coletiva tem seus limites mais restritos e bem mais remotos, o que permite a um indivíduo, enquanto membro de um grupo social,

⁴ Philipp Bauer é filho de Philipp Peter Bauer e Anna Elisabeth Weingaertner. O casal emigrou da região de Hunsrück para a Colônia de Santa Isabel em 1848. Carta não publicada, traduzida por mim e pertencente ao arquivo pessoal de Toni Vidal (Mestre em História pela UFSC e estudioso da imigração alemã em Santa Catarina).

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 5, p. 47-54, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.

apropriar-se de um passado que não é seu. Como um eco das interferências coletivas, Philipp refere-se à “linda Alemanha”, sugerindo que esses sentimentos e idéias inspiradas pelo grupo tivessem a origem em si próprio. Segundo Halbwachs, a grande afinidade entre os membros do grupo provoca essas vibrações em uníssono e “não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros” (HALBWACHS, 1990, p. 47).

As lembranças da esposa alemã de Philipp reforçam a continuidade do amplo processo social de construção da memória, o qual retém o que significa para o grupo. Segundo Ecléa Bosi, o intenso trabalho em conjunto do grupo social cria “esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos”, o que a autora considera verdadeiros “universos de discurso” ou “universos de significado”. A Alemanha enquanto referência concreta das lembranças, sejam elas boas ou ruins, é objeto de conversa e de narração, portanto matéria significativa para o grupo que nesse movimento de lembrar e esquecer realiza “a modelagem sistemática da ideologia grupal”. Nesse sentido, a autora explica que: “O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos” (BOSI, 1994, p. 66-67).

Na passagem seguinte, em outra carta de Teresa, datada em março de 1886, a escrita revela-se enquanto um momento de organização dos sentimentos presentes que afloram nesse novo espaço à luz das experiências passadas:

Oh, querida Josepha, como seria bom se não fosse a saudade. [...] Tenho marido e filhos a minha volta e deveria estar satisfeita. Com certeza também estaria se meu marido não precisasse enfrentar tantas preocupações. Certamente iria julgar e enfrentar muitas coisas de outra maneira, se as intenções e planos do meu marido tivessem se concretizado, e teria esperança em voltar para casa e ser feliz com vocês (STUTZER, 1998, p. 13).

O passado, no momento em que Teresa escreve, é um elemento de perturbação, que está sempre presente nas relações com o novo espaço. As lembranças do lugar de origem, concretizadas na imagem da casa que se revela enquanto abrigo e proteção, um lugar habitado pelas imagens de um passado imaginado que se quer alcançar. A casa natal como o lugar da felicidade acolhe em seu interior um tempo e um espaço fixos, onde estão as lembranças da imaginação (*Heimat*). É um lugar que provoca bem-estar, pois já está habitado. A casa mencionada por Therese é aquela onde o real e o sonho, enquanto unidade, possibilitam o futuro.

Assim, podemos pensar que os imigrantes alemães que se estabeleceram em Santa Catarina em meados do século XIX articulam seu imaginário coletivo, o qual define sua identidade étnica-nacional, com um novo tempo e um novo espaço. As relações entre os espaços (de origem e de imigração) e entre os tempos (passado e presente) produzem um futuro reformulado. Célia Toledo Lucena trabalha muito bem essas relações quando trata de um grupo de imigrantes mineiros em São Paulo:

Os diferentes tempos e espaços não são vistos separadamente na lembrança dos migrantes, pois tempo e espaço se confundem nas imagens lembradas. O tempo é memória, o tempo é diferencial, o tempo são os momentos, o tempo é situar-se no passado. O espaço é unificante, o espaço é o situar-se no contexto (LUCENA, 1999, p. 80).

No evento migratório, é no espaço que ocorrem as relações definitivas entre o vivido e o imaginado, entre os diferentes tempos da experiência. O espaço aqui se define enquanto construção da subjetividade, a qual se reconstrói constantemente nos espaços vividos através da imaginação e do pensamento. Para pensar nas imagens que esses espaços produzem, são importantes as reflexões de Gaston Bachelard em *A poética do espaço*. O autor trabalha com as imagens que determinam o valor humano dos espaços de posse, dos espaços percebidos pela imaginação. Para o autor, imagem e lembrança são similares, pois a atividade viva da imaginação (faculdade de produzir imagens) “desprende-nos ao mesmo tempo do passado e da realidade. Abre-se para o futuro” (BACHELARD, 2003, p. 18). E é esse futuro imaginado o que orienta e conduz o movimento migratório alemão para o sul do Brasil. Um futuro impregnado pelas imagens vividas, (lembranças) transformadas.

Abstract: This article aims at analyzing four letters of German immigrants established in Santa Catarina State in the mid-nineteenth century. These are designed to relatives who remained in Germany and brought in their news content of the new routine. Reflecting on the memory, I indicate these links between the transit time and space overlapping (present and past / personal and collective) to think about the cultural signs that fuel the ethnic German community in Santa Catarina. Preferring an approach based on the movements of subjective memory at the time of writing, I try to understand this practice personal within a collective process imbued with cultural meanings.

KEYWORDS: Memory. Nation. German immigrants. Letters. National identity.

Referências

Revista Literatura em Debate, v. 4, n. 5, p. 47-54, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 out.; aceito em 30 nov. 2009.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUER, Philipp. *Carta aos tios (20/07/1889)*. Traduzida por mim. Arquivo pessoal de Toni Vidal Jochem.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 9. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vertice, 1990.

LUCENA, Célia Toledo. Construindo a memória: um olhar sobre o passado. In: *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de imigrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

SALLENTIEN, Franz. Carta aos irmãos. Itajaí 24 de março de 1855. Trad. Alda Niemeyer. In: *Blumenau em cadernos*, tomo XXXVIII, n. 04, p. 45-51, abr. 1997.

STUTZER, Therese. Cartas de famílias (07/05/1886). Trad. Annemarie F. Schünke. In: *Blumenau em Cadernos*, tomo XXXIX, n. 7, p. 11-21, jul. 1998.

STUTZER, Teresa. Cartas de famílias (12/03/1886). Trad. Annemarie F. Schünke. In: *Blumenau em Cadernos*, tomo XXXIX, n. 6, p. 7-15, jun. 1998.